

**“O meu trabalho é
valorizar as cidades
através da Cultura”**

Texto: Priscilla Rabelo
Fotografia: Paulo Jorge Magalhães



Nome: Paulo Sérgio da Cruz Brandão

Data de Nascimento: 15 de Agosto de 1967

Naturalidade: V.N.Famalicão

RICHARD STARK'S
DARKER

The Time
ADAPTED AND ILLUSTRATED BY
DARWYN COOKE

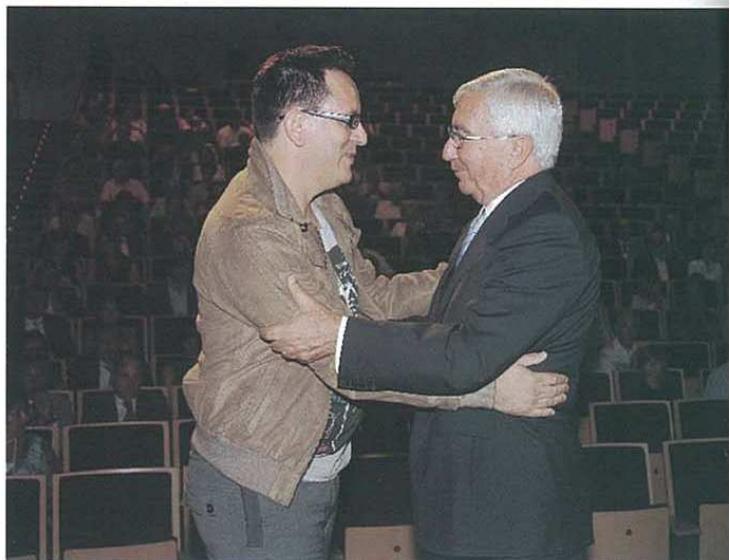


Paulo Brandão é o programador cultural que ajudou a dar a conhecer ao país a Casa das Artes de Vila Nova de Famalicão. Saltou para o Teatro Circo, em Braga, mas saiu, dizendo agora que desconhece a política cultural de Mesquita Machado. Hoje divide os seus dias entre o Restaurante Praça Café e a sua empresa de consultadoria artística.

Em entrevista à FAMA diz que o seu trabalho “é valorizar as cidades através da Cultura”. Sobre Famalicão não se compromete, mas elogia o vereador da Cultura, Paulo Cunha, e afirma sentir “imensa falta de complexo de salas de cinema na cidade”. Enquanto esse complexo não existe, confessa que tem voltado à Casa das Artes... Na última vez que lá esteve, recebeu uma medalha de Armindo Costa...

A Câmara Municipal de Vila Nova de Famalicão atribuiu-lhe este ano a medalha de Mérito Cultural. Isso significa que, afinal, santos da casa fazem milagres?

Não acredito em milagres e em santos muito menos, mas o facto é que eles existem (risos). Confesso que fiquei de coração mole e um pouco nervoso com tal acto. Só tenho a agradecer mais esta oportunidade.





Ficou conhecido sobretudo com a experiência à frente da Casa das Artes. A que se deveu o sucesso?

Sai da Casa das Artes em Abril de 2006. Estive lá cerca de cinco anos. Sou sempre muito comedido na avaliação das coisas em que estou envolvido. Na verdade, quando trabalhamos com públicos, há sempre muitos vectores em desenvolvimento. O nosso esforço pessoal, dedicação e gosto parecem-me fundamentais. Mas só isso não chega. É preciso apoio, uma boa equipa técnica, um pouco de sorte, alguma coragem... Nessa altura, na verdade, era uma novidade. Acredito que tenha servido de modelo a outras estruturas que entretanto se estrearam e daí ser um espaço referencial. Fico muito satisfeito com o reconhecimento.

O convite de Mesquita Machado para director artístico do Theatro Circo foi mesmo o “Euromilhões”, como comentou na altura Armindo Costa?

Não me recordo desse comentário. Mas julgo que o

presidente da Câmara Municipal de Vila Nova de Famalicão, se o disse, estaria a referir-se ao facto de ter acertado na minha escolha, reconhecendo que eu tinha sido valioso para o concelho e que o seria ainda mais, quem sabe, para o distrito de Braga.

No Theatro Circo o seu trabalho ficou a meio. Sente que em Braga foi dificultado pela política cultural da câmara?

Desconheço a política cultural da câmara bracarense. O Theatro Circo é uma SA (Sociedade Anónima) e no seu conselho de administração tem assento um representante da autarquia. Melhor ou pior, era com essa estrutura que tinha de lidar. Mas uma coisa é certa, assumi sempre as minhas responsabilidades e dei sempre o meu melhor.

Em Famalicão nunca vieram a público divergências com o município, ao contrário do que aconteceu em Braga.



“Desconheço a política cultural da Câmara de Braga.”

Actor e encenador, a formação artística de Paulo Brandão foi adquirida durante o curso de Interpretação na Academia Contemporânea do Espectáculo e o estágio em Teatro Naturalista na 'The Arden School of Theatre', em Manchester, Inglaterra.



As duas autarquias tratam a Cultura de forma diferente?

Não vou avaliar a política cultural de câmara alguma. A menos que me paguem para isso (risos). O meu trabalho é valorizar as cidades através da Cultura e daquilo que eu sei fazer melhor: programar! E o facto é que há pessoas muito atentas ao que vamos fazendo. Por exemplo, fiquei extremamente feliz ao ler a opinião de José Teixeira – numa entrevista recente ao “Correio do Minho”, presidente executivo da DST, empresa que tem apoiado a Cultura, de que “estava alinhado com o tipo de programação que o Paulo Brandão fazia”. Fez-me bem ao ego, vindo de quem vem.

A saída do Theatro Circo foi acordada ou há algum litígio a decorrer?

É público que saí de comum acordo e não há litígio algum a decorrer.

Se fosse vereador da Cultura que decisões tomaria em prol da cultura famalicense?

Não sou vereador da Cultura, como sabe... Mas o novo vereador da Cultura inspira-me confiança. É jovem e discreto. Atendendo ao momento crítico que as

autarquias atravessam precisará certamente de muita imaginação.

Como classifica Famalicão no panorama cultural nacional?

Não faça de mim um analista da cultura nacional. Acho que seria severamente punido (risos). Mas sinto imensa falta de um complexo de salas de cinema em Famalicão, isso sim. Lembro com gozo o Cine-Teatro Augusto Correia, que cheguei a frequentar quase diariamente. É certo que existe o Cineclube de Joane, na Casa das Artes, que tem uma excelente programação. Mas para mim isso não chega.

O que faz agora? Tornou-se produtor independente?

Mais ou menos isso. Tenho uma empresa de consultoria artística, “A Origem do Mundo”, que neste momento está a produzir o espectáculo “cigarras – um musical pop sobre quem canta e seus males encanta”, que estreia em Setembro em Braga, vai a Guimarães e em Outubro estará em Famalicão, e que espero possa ser uma heresia sobre o amor.

Trata-se de um projecto no âmbito do Quadrilátero Urbano, onde tive um papel activo como programador,



“Sinto imensa falta de salas de cinema em Famalicão.”



e que conta com criativos como valter hugo mãe, Miguel Pedro, Catarina Barros, Helder Guimarães, entre outros valorosos companheiros. Mas “A Origem do Mundo” não é só isso. O objectivo é poder vir a trabalhar com estruturas de programação, nomeadamente agentes, casas de espectáculo, dando formação, comissariando projectos, preparando ciclos ou mesmo organizando tournées. Certo é que escolherei projectos de qualidade e que sejam motivadores.

Enquanto programador de espectáculos, já fez alguma aposta que correu mal?

Cancelar um espectáculo, mesmo não sendo da nossa responsabilidade, é um momento crítico para qualquer director artístico. Tive de o fazer por duas ou três vezes, uma delas com casa cheia. Foi o mais terrível dos momentos.

O restaurante Praça Café é uma paixão, um passatempo ou um investimento?

Por agora, é onde almoço quase todos os dias. A minha mulher é dos melhores cozinheiros que conheço. É ela a sócia gerente. Eu sou apenas um amigo do restaurante. Por vezes, lá em casa, sirvo de cobaia para as suas criações e nunca me dei mal (risos).

Se as eleições fossem hoje, quem escolheria para Primeiro

Ministro: Francisco Louça, Pedro Passos Coelho ou José Sócrates?

Essa pergunta é uma porra! Eu sou sempre dos indecisos. Só no dia das eleições é que sei em quem voto. Mas o combate político é coisa que considero uma perda de tempo. Um desgaste para ambos os campos, poder e oposição.

Quais os seus maiores prazeres?

Os prazeres são inconfessáveis, mas como me pede os “maiores” (risos). Bom, arriscaria viajar, brincar com as minhas filhas, ouvir música, ir ao cinema, partilhar ideias, estar com os amigos, e da luta “corpo a corpo”, como dizem os Deolinda.

O que vê na televisão?

Não vejo televisão. Vejo séries. “True Blood”, “Weeds”, “Big Love”, “Mad Men” - Na verdade, todas elas, são puro cinema.

Qual o espectáculo mais marcante a que já assistiu?

Não sei, não sei... Dresden Dolls na Casa das Artes, Deolinda na Casa da Música, Philip Glass no Theatro Circo, The Do no Olympia... Também aqui a lista seria monumental.

Gostaria de voltar à Casa das Artes?

Tenho voltado pontualmente à Casa das Artes (risos). Sempre que a programação me agrada e o tempo grassa.